



SAÏDE.

SAÏDE é a antiga Sydonia, que juntamente com Tyro foram as cidades commerciaes mais celebradas na remota antiguidade, e de sua opulencia se encontra memoria nos livros sagrados: tem assento na costa da Syria na assomada de uma eminencia proxima do mar: d'um rochedo até um ilheu está lançado o antigo molhe; mas o porto agora é ao sul da cidade, estando o do norte entulhado. Saïde ainda é de alguma importancia, contendo perto de dez mil almas, a terça parte christãos. Em 1833 cabiu em poder de Mehemet-Ali: em 26 de Setembro de 1840 foi tomada pelas forças alliadas, d'Inglaterra, Austria e Turquia. — Eis-aqui como a descreve um antigo viajante nosso.

Partidos de Sarepta fomos a Sydonia, uma legua mais adiante, fundada por Sydonio filho de Canaan, ao longo do mar. Foi esta cidade antigamente grandissima, e se veem ao presente muitas ruinas de grandes edificios cahidos: seu assento está do norte ao sul, entre o mar e o monte ante-Libano: sua destruição prophetizou Jeremias, dizendo: *Ex dissipabitur Tyrus, et Sydon cum omnibus reliquis auxiliis suis*; quer dizer: será destruida Tyro e Sydonia com todas as mais ajudas suas. Ao presente é uma cidade pequena, mas mui forte, de uma parte mettida ao mar. Tem bom porto, que é a causa de ser mais frequentada que os outros logares maritimos daquella costa. Achámos alli um judeu portuguez, rendeiro, que determinou de nos enfadar, senão andaramos acompanhados de dois christãos mercadores, homens de muito respeito. Tem a cidade dois castellos fortissimos, um delles dentro no mar sobre um rochedo, o outro da parte da terra. Todo aquelle sitio de redor de Sydonia, Tyro, Acon, que fica mais atraz de Tyro, e até Tripol, que é adiante de Baruthi, como direi, é como um paraíso terreal, abundante de todos os pomares e frutas, muitos canaveaes de assucar, muitas arvores de espinho, de fruta, muito maior e mais perfeita que a de cá, campos de musas, grandes oliveas e vinhas, a qual terra vai entre o monte Libano e o mar, e cahiu em sorte, quando Josué dividiu a terra aos filhos d'Israel, ao Tribu de Asser.

DEZEMBRO 7 — 1844.

ESTUDOS MORAES.

II.

O parochó d'aldeia.

(Concluido de pag. 331.)

ESTAMOS á porta da igreja. A saloiada mettemo-la dentro. O padre mestre Prazeres, o padre Chaparro, e o prior não sei se d'aqui os veem na capella-mór. Fr. Narciso gyra, mira, vira, revira tudo, na credencia, no altar, na banquetta. O ceremonial romano é um mundo de idéas que elle dispoz nos diversos repartimentos cerebraes, com uma comprehensão, um tino, uma logica de por ahí alem. Frei Narciso tem d'olho o padre Chaparro, que foi toda a vida um tomo em liturgia, e assim ha-de morrer. General naquelle conflicto, Fr. Narciso está á lerta: nem seiscentos Chaparros seriam capazes de lhe entortarem uma ou mil missas cantadas. Em semelhantes occasiões o veterano mestre de ceremonias contempla impassivel da altura da sciencia as evoluções dos seus subordinados: tudo abrange, tudo prevê, tudo dirige tranquillo. E não solta uma voz unica: não reprehende, não incita, não ameaça. Uns beijos estendidos e inclinados á esquerda fazem parar o missal que ia a ser extemporaneamente arrebatado da banda da epistola para a do evangelho: uns olhos trasbordando pelas palpebras, acompanhados de um oscillar de cabeça rapido, horisontal, e fugitivo, intiriçam os joelhos que vergavam em genuflexão deslocada. Emfim, para que estar-mo-nos a matar? Como o nome de Fr. Thimotheo na parenetica, o de Fr. Narciso na liturgia será o nome que a historia transportará ás mais remotas eras, em quanto as glorias da familia arrabida durarem na posteridade.

O *introibo* entou-se: o negocio está agora em mãos de mestre: podemos ficar descansados com a festividade. Como o calor na igreja é muito, venhamos, eu e o leitor, conversar um pouco á fresca sombra dos plátanos do adro. Tenho explicações indispensaveis que lhe fazer; dê por onde der, embora ouçamos a missa descabeçada.

2.ª SERIE — VOL. III.

Sou homem de bofes lavados, como diziam os nossos velhos, e não gosto de que me estejam a morder na pelle por causa de lacunas, mysterios, ou contradições nas minhas narrativas. Menos isso. A historia é a historia, e não se hão-de deixar por aqui e por alli obscuridades e incertezas, que façam suar o topete ás academias futuras; muito mais que ha ahí uns quidams, cujo officio é esmiuçar, anatomisar, e criticar os escriptos alheios, e que lhes fazem os mais crueis e desalmados processos verbaes, que é possível imaginar, não lhes escapando periodo nem linha, ponto nem virgula. Critica rosada pelos cantos é a destes, semelhante ao bisbilhotar da cozinheira com a creada da vizinha á janella do saguão, sobre os talhos que a ama deu ao presunto, ou sobre o mais ou menos acogulado da medida dos feijões fradinhos. É por isso que a taes criticas chamo eu verbaes; verbaes porque seus auctores d'ahi não podem passar. Coitados! escreveriam vinte heresias se copiassem o padrenosso. São os alcayotes dos *lapsus linguae*, os mexeriqueiros dos actos de memoria. No vento e com vento compoem: vivem de epigrammas agudos como tranca: morrem sem deixar vestigio. Litteratos a barbas enxutas, eruditos lendo ainda por baixo, passam nas trevas como a coruja; mas bem como a coruja roçando as azas, que salpicou na alampada, pela alva toalha do altar a deixa ennodada, assim a pagina pura, affagada de tanto amor do artista, estudada com tão sincera consciencia, lá recebe na tertulia de parvos, a dedada torpe e sebenta de um chapadissimo tolo.

Não sou dos mais queixosos; todavia guardo acatamento profundo a essas caricaturas de adibe, que á falta de dentes para devorarem carniça, contentam-se de fazer empolas e brotoeja na pelle do proximo. Respeito-os a todos — altissimos e baixissimos; que os ha de todas as riscas da craveira social, no civil, no militar e no ecclesiastico. Estou, por isso, sempre com o credo na boca quando escrevo uma linha, e antes quero que se queixem da frequencia dos prologos do que me condemnem sem me ouvirem.

Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. Tenho; e é indispensavel. Estou ouvindo um melenas arguir assim: «Como soube a tia Jeronima que as peças do P.º prior se haviam esgueirado com tanta magua sua, só para dotar Bernardina? — Como o souberam os noivos, e Perpetua Rosa? Não se passou tudo particularmente entre o prior e o moleiro, ambos interessados no segredo do negocio — um por virtude, outro por avareza? Foi um duende que veio revelá-lo? Mas isso é fazer como Eugenio Sue, que logo desde o principio das suas novellas arranja um homem humanamente impossivel, e até uma entidade immortal, para nos casos difficultosos se desembrulhar das aperturas de situação; isso é empalmar; isso não vale. Queremos saber por onde transpirou a generosa acção do velho parcho; mas por meios naturaes. Não admittimos tergiversação, nem milagres.»

Tá, tá! — Nem eu, fallando de telhas abaixo. E era para explicar este mysterio naturalissimamente que chamava agora o leitor para a fresca sombra dos platanos do presbyterio. O caso foi este:

Quando o prior, dominado pela idéa de remediar a todo o custo a rapaziada que fizera o Manuel da Ventosa, deu comsigo a romper da manhã no moinho de Bartholomeu, lembrados estarão de que o velho accedendo aos desejos manifestados pelo seu

parcho de ficar a sós com elle, pozera fóra da porta os moços com o grito de *rua!* Se o homem fizesse como Polyphemo, quando tinha Ulysses e os seus camaradas encapoeirados no antro com os carneiros e como carneiros, o qual, á falta do unico olho que possuia e que lhe haviam vazado, ia apalmando e contando os que sabiam, segundo mais largamente narra Homero, não succederia o que succedeu, e já as embrulhadas, picuinhas, dictérios, e descomposturas *ad faciem ecclesiae* de que antecedentemente dei conta, não teriam sobrevivendo com escandalo das pessoas graves e tementes a Deus. Era, como no logar competente deixei especificado, grande o tráfego no moinho á chegada do prior: duas récuas de machos a enquerir á porta; moços para dentro e moços para fóra; saccos de farinha a rolarem e a empoeirarem a atmospherá; bulha, encontrões, sapateada, arres, xós, pragas, diabos; um pandemonio, emfim, em miniatura. A chegada do prior foi tão inesperada e subita, que Bartholomeu azoinado não reparou nos que sabiam á sua voz de commando. D'aquí o damno. Uma testemunha ficava ahí, sem que Bartholomeu desse por tal.

Esta testemunha era Gabriel. O pobre rapaz tinha andado até a meia noite do moinho para a fonte e da fonte para o moinho com um macho e dois barris, a carrear agua. Depois estirou-se a dormir atraz de uma pilha de saccos de trigo com aquelle valente somno da primeira juventude, a que se não resiste nem n'um campo de batalha. Dormiu, dormiu, dormiu. Rompia a alva e ainda elle era pedra em poço. O grito de Bartholomeu despertou-o, na verdade; mas não teve animo d'erguer-se: bocejou, bufou, esperguiçou-se, estendeu os braços para diante com os pulsos cerrados, virou-se de barriga para o chão, mettu o nariz debaixo do sovacó, e proseguiu na interrompida tarefa. Felizmente para o pobre do moço, que se fosse presentido pelo moleiro teria de acordar de todo com o despertador infallivel de dois pontapés, Gabriel não resonava ainda no mais profundo somno. Crendo estarem sós, os dois travaram a larga conversação que no principio desta famosa historia ficou fielmente trasladada.

Não faço eu tão fraca idéa de mim ou do leitor, que supponha assaz falta de interesse a minha narrativa, ou o tenha a elle por um tal cabeça de vento, que se esquecesse da estrondosa gargalhada que desandou o padre prior ao manhoso saloio, quando este lhe propoz dêsse o dote a sua sobrinha Joanna, á falta de outra mais digna. Á descommunal risada é que o somno de Gabriel, se não partido inteiramente, ao menos já estallado pelo grito de Bartholomeu, não pôde resistir. O rapaz fez uma viravolta, abriu os olhos, deu uma guinada ao corpo, ficou assentado com as pernas estendidas e a cabeça inclinada sobre o peito, meditabundo por alguns momentos, e immovel como um daquelles santões de que reza Fernão Mendes Pinto. Depois levando as mãos á cabeça, começou a coçar rapido d'alto a baixo por cima das orelhas. Pouco durou todavia essa primeira furia. Como o som da harpa d'Ossian alongando-se e esmorecendo por entre a nebrina das serras, aquelle coçar d'alma affrouxou e desvaneceu-se gradualmente; as mãos confrangidas em fórma de garra espalmaram-se flexiveis, os braços hirtos e erguidos despenharam-se mortaes ao longo do tronco, e a cabeça somnolenta balouçou á direita, depois á esquerda, depois pendeu de chofre para diante, e resaltou quasi ao bater sobre os joelhos,

semelhante ao judeu martyrisado pela santa inquisição, quando ao descer pendurado da polé, a corda, atada mais curta que o espaço médio entre o cbão á roldana, o desconjunctava retendo-o subitamente alguns palmos acima do pavimento. Assim se desconjunctou aquella machina de somno, e Gabriel abriu seis vezes a boca; engradou-a com outras tantas cruces; esfregou os olhos com a parte anterior do canhão da jaqueta; mirou por entre os saccos os dois velhos; embasbacou de ver alli o prior, e sem tujir nem mugir poz-se a escutar o dialogo, que se travára entre ambos.

Qual este foi e o seu desfecho sabe-o o leitor tão bem como eu. Apenas o prior se despediu encaminhando se pela encosta abaixo, Bartholomeu recolhendo as setenta peças que elle deixára sobre a arca das maquinas, poz logo tudo em movimento, e Gabriel, por cuja falta naquelle primeiro impeto o moleiro não dera, teve arte de se confundir com os outros moços, que entravam e saíam, sem que o amo nem por sombras suspeitasse que havia uma terceira pessoa sabedora do importante negocio que se acabava de compor, e sobre o qual no meio do seu mandar, e ralhar, e lidar, já a ambição lhe ia alevantando na phantasia muitos castellos de vento.

Segredo em boca de rapaz — outros dizem de mulher [eu por decencia, e pelos meus principios apoio a moção relativa aos rapazes] é manteiga em nariz de cão. Elle na verdade contou-o com variantes para mais e para menos, mas contou-o, que é o caso. E a quem o havia de ir metter no bico? Á pessoa que mais interessada suppunha na historia — á senhora Perpetua Rosa, mas pedindo-lhe pela alma das suas obrigações e pela fortuna da sua Bernardina que não dissesse nada, porque o patrão se tal soubesse era capaz d'esganá-lo. Prometteu-lho Perpetua Rosa; jurou-o e tresjurou-o. Pulava a boa da velha de contente, e a primeira vez que levou roupa á cidade fez das fraquezas forças e trouxe de mimo ao Gabriel um pião novo, uma gaiola de grillos cousa d'espanto, e uma abada de castanhas do Maranhão e de figos passados com que o bom do rapaz se regalou de pôr a boca n'uma lastima. E o mais é que teve palavra. Apenas contou o caso á duas ou tres freguezas antigas de Lisboa, e á tia Jeronyma, com quem desde a mestra, podia-se dizer, era unha com carne. Aqui é que foram as ancias. Pelos domingos tiram-se os dias-santos. A ama do prior fez-se fula quando tal ouviu. A lanceta que sangrara a meia do forro da escada apparecia finalmente: e a tia Jeronyma, sem lhe importar o ver a mortificação da pobre Perpetua Rosa, desabafou á sua vontade; mas passado o primeiro estoiro da dor, levou de seu brio nunca mais tornar a bulir nesta desagradavel materia.

Eis a verdade nua e crua de como se aventou o segredo. A alhada da porta da igreja nascida daquellas tafularias tolas do Manuel da Ventosa e da sua companheira, acabaram de divulgar o negocio, sem que nisto andasse nenhum principe allemão, nem os jesuitas, para calumniar *popularmente* os quaes [seja isto dito entre parenthesis, que certamente o démo foi que mo encaixou na cabeça] os devotos da tyrannia universitaria de París deram quarenta mil cruzados áquelle santo varão d'Eugenio Sue a titulo de *emfolhetinar* um periodico lazerento. São espertos! Mas se nisto não entraram os irmãos do quinto voto, nem o caminheiro Ashavero com as suas çapatás tauxiadas de pregos em cruz, e os seus alforges de cholera morbus, entrou a meu

ver a Providencia, mas uma Providencia natural e simples nos seus meios, como ella o é sempre, sem milagres nem bruxarias. Cuidava o prior que a sua nobre e evangelica generosidade ficasse occulta: — cuidava Bartholomeu que trévas perpetuas cobrissem a torpe cubiça e a sórdida avareza com que se houve neste negocio. — Vai, que faz Deus? Serve-se de um pobre rapaz que ninguem tinha em conta de nada, e põe tudo ao olho do sol. E fique desde aqui dito que essa é a moralidade da minha historia: a virtude exaltada, e o vicio punido. Nem mais nem menos como o desfecho daquellas grandes comedias que ha vinte ou trinta annos eram as delicias de nossos pais, e a gloria dos nossos dramaturgos das tres unidões, que Deus haja. As tres unidões, entenda-se bem; porque os dramaturgos, esses o Senhor no-los conserve em quanto poder ser, para nosso regalo e consolação.

Quem disse lá que as velhotas testemunhas dos *items* do moleiro com as personagens que mais conjunctas lhe eram, entraram para a igreja e se puzeram a ouvir o cantar dos padres, e a musica do coreto e o esbravejar do prégador? — Por um oculo! Á sombra da sua victima, que fôra e que ia ser — á sombra de Bartholomeu, a quem todos abriam caminho para o deixarem approximar-se do banco dos festeiros, ellas atravessaram a mó dos homens, unidos como sardinha em tiggella dos estrados para baixo até o guardavento, e chegaram ao meio do mulherio. Haja o apertão que houver ainda não consta que saloia deixasse de fazer praça para si na igreja. Verdade é que a tia Jeronyma ia em frente com a cara de arremetter que Deus lhe dera, e que mais rebarbativa tornava a anterior refrega. Quem deixaria de dar campo á ama do prior, e sobre tudo áquelle carranca? Seguiam-na os noivos, encolhidos e vergonhosos do escandalo que tinham causado, tornadas em fel e absintho as tão risonhas esperanças que pouco havia punham no seu garbo e bizarraria; que nisto vem a acabar muitas vezes as vanglorias do mundo. [Mais moralidade]. Apoz elles vinha Perpetua Rosa, e apoz a lavadeira a Veronica do Tiago, padeira gorda, vermelha e reverendaça, a Engracia Ripa mulher do fogueteiro da aldeia, magra, alta, còr de enxofre, a Eufrazia Tasquinha tia de Gabriel, e varias outras, mais anchas ou mais esguias, mais esgrouviadas ou mais repolhudas; que não sou eu nenhum Homero para estar antes nem depois da batalha a tecer catalogos de guerreiros. «Dê licença! — Ai, que me pizou! Perdoe! Não vê?» Eis o que se ouviu murmurar por alguns instantes. E no meio daquelle mar de cabeças adornadas de lenços de còr, listrados e brancos, avultava a pinha das recémvindas, que tentavam ajoelhar; pinha semelhante á embarcação rota a ponto de submergir-se, que balouça vacillante, e se atufa lentamente nas aguas. Manuel da Ventosa que ficára em pé no topo inferior do estrado sentia apertar-se-lhe o coração vendo a sua Bernardina no meio daquelle cahos de capotes e roupinhas, como uma avesinha do céu no meio de ninhada de sapos. As sedas, o chapéu, as flores, a romeira rangiam, achatavam-se, engorovinhavam-se entalladas entre aquellas baetas, pannos, camelões e durantes, do mesmo modo que sobre o cadaver da virgem se achatam e quebram as alvas roupas da innocencia e a coróa de rosas, debaixo da terra aspera, pesada, immunda, que o coveiro atira brutalmente sobre os restos do que foi bello, delicado e puro. «Mas que remedio? — pensou Ma-

nuel.—As cousas assim hão-de ser sempre, porque assim foram desde o principio do mundo.» — Elle de feito cria que desde esse tempo existiam missas cantadas, saloias e apertões. Mas enfim ajoelharam, persignaram-se e a festa principiou.

Não a descreverei eu. Quem não sabe o que é uma festividade de orago, e o que é a missa solemne celebrada n'um templo catholico? — Ha ahí alguém, crente ou não-crente na fé que seus paes lhe ensinaram, que não tenha bem vivos na memoria esses dias festivos da sua meninice; esse culto que sabe elevar o espirito para o céu com as pompas de espectáculo sensual, que parece deveria faz-lo descer para a terra? Quem se não lembra daquelles bons dias santos dos doze annos, em que o sol era mais formoso que nos dias de trabalho, sem exceptuar a folgada quinta-feira do sueto escolastico? Quem se não lembra da epocha em que o nosso parochio era para nós um ente quasi divino; porque, pobres creanças, ainda ignoravamos os caminhos por onde esses homens, chamados a uma existencia de santa e sublime poesia, sabem vir despeñar-se no charco das miserias e torpezas humanas, e revolver-se ahí com aquelles de que deviam ser esperança, salvação e exemplo? Quem não se recorda com saudade do tempo em que o altar só lhe apparecia a certa distancia com o seu frontal brocado e a sua toalha alvissima, assoberbado pela catadupa de lumes de um throno, perfumado pelas jarras de flores, involto no ambiente turvo de rolos do fumo raro e pallido do incenso, symbolo do mysterio? A quem não murmura ainda nos ouvidos o rithmo monotonico e severo do psalmejar sacerdotal mais accorde com as doces tristezas do coração que toda a musica sentida e dolorosa dos espectaculos scenicos, e que estes, na impotencia de o vencer, tem ido humildemente imitar nas creações dos modernos artistas; porque Meyerbeer para ser o rei das harmonias foi invadir o templo? Quem, finalmente, não refugiu uma vez cansado de scepticismo, para as memorias infantis das commoções geradas pela religião dos primeiros annos, religião toda de affectos, de inspirações, sem sciencia nem raciocinio, que, semelhantes ao sal espalhado sobre a terra, podem fertilisar algum coração, mas esterilizam os mais delles? As impressões indestructiveis das festas religiosas guardam-nas os que creem como consolação do passado e como esperança de regosijo futuro: os que não creem tambem as guardam no longo crepusculo da sua alma, como guardamos no inverno as plantas odoríferas já murchas, que debaixo de céu pardo e frio, ao pé da veiga nua e da arvore desfolhada, nos recordam o halito suave dos campos ao pôr do sol d'um dia sereno do estio.

Eis-ahí porque não descrevo a festa. Era especular descaradamente com os leitores: era como se ao Bartholomeu se lhe metesse em cabeça ir ensinar o ceremonial romano ao incomparavel Fr. Narcizo.

E que terá Fr. Narcizo, que já escarrrou duas vezes, já se assoou quatro, já bufou seis, já arregalou os olhos para o corpo da igreja oito? — É que as attentões estão distrahidas. — Fortes brutos! — Uma perfeição de ceremonias, que nem na capella sixtina no dia da benção *urbi et orbi!* «Olha o que lá vai! o que lá vai! — rosnava elle cheio de indignação. — Aquellas endiabradas! — Quem vos decepara as linguas, taramelleiras! Até aqui! Louvado seja Deus! É de mais. Psiuhhhh!»

Tinha rasão. Era um zum zum na igreja que qua-

si galgava por cima das rebecas; e mais chiavam e desafinavam com alma. O arrastado psiuhhhh de Fr. Narcizo restabeleceu a ordem que nem n'um motim popular uma carga de cavallaria.

Mas para se restabelecer a ordem é necessario haver desordem. Quero ver se tambem dizem os parvos que esta proposição é uma das minhas exquisites, ou excentricidades para lhes fallar na sua algaravia. A cousa tinha sahido do lugar onde estavam a tia Jeronima, Perpetua Rosa e a Bernardina. Qual cousa? — Isso é o que não diz a historia. O que é certo é que era um bis bis, que partia do centro para a circumferencia, como os circulos concentricos que encrespam a superficie do lago ao meio do qual se atirou uma pedra, e era ao mesmo tempo um balouçar de pontas de lenços sobre os cabeções dos capotes, um rir abafado, um sussurro, uma agitação entre o mulhierio tal, que attrahira a attentão e logo a colera de Fr. Narcizo. O mais que se pôde perceber foram alguns fragmentos de dialogo entre a tia Jeronima e a Engracia do Estanisláu foguetreiro.

«Padre nosso que estais nos céus: — dizia Engracia Ripa deixando correr um dos bogalhos de umas contas da terra santa que tinha nas mãos. — Ora essa! — Sanctificado seja o vosso nome. — Forte tratante! — Venha a nós o vosso reino. — E uma pessoa com a sua áquella de que era um home como se quer! — Seja feita a vossa vontade! — Sáfa! — Assim na terra como nos altos céus. — Com que então setenta? —»

«Entregadinhas! — Ave Maria, gracia plena: — respondeu a tia Jeronima, que latinisava furiosamente á força de viver com o prior. — Como lh'o hei-de dizer? — Domisteco. — Foi o demo que o tentou. — *Benedictus tu...*»

Neste ponto a interessante conversação das duas matronas foi interrompida pelo psiu! raivoso de Fr. Narcizo. Não podemos dizer sobre que ella versava nem aonde iria dar comsigo: e quando n'uma chronica profunda e grave como esta faltam fundamentos plausiveis, é dever do chronista ser sobrio, ou antes abster-se de conjecturas. Direi só que ao sahir a gente da festa, não havia cão nem gato que não soubesse tim-tim por tim-tim a historia do Manuel da Ventosa e da Bernardina.

Mais moralidade: — é o que elles tiráram das suas tolas tafularias.

Quando o prior sahiu da igreja os rapazes desbarretavam-se ainda com mais signaes de cortezia e respeito do que era costume, as raparigas affagavam-no com um sorrir e volver d'olhos affectuoso que fazia scismar o bom do parochio. Todos olhavam para elle e fallavam em voz baixa. O prior estava zangadissimo.

Mas qual foi o seu pasmo de ver chegarem-se a elle muitos velhos de cabeça branca — eram varios lavradores seus fréguezes, honrados pais de familia — e beijarem-lhe a mão com os olhos arrazados d'agua! Estava fumando. Uma onda se lhe ia, outra se lhe vinha de destampar com tudo aquillo, e pregar uma descompostura solemne e por atacado nos velhos, nos rapazes, e nas raparigas.

E para isso não lhe faltava metralha. Mas lembrou-se de que era o dia do orago da aldeia, e teve mão em si. Só lá perguntava aos seus botões qual seria a causa deste destempero e doudice.

Como havia elle de atinar, se tinha o costume de esquecer-se do bem que fazia, porque sendo fraco de memoria reservava-a toda para o bem que recebia?

A historia do casamento feito pelo velho parochio, segundo depois me contaram, [era eu pequeno, e lembra-me como se fosse hoje] chegou aos ouvidos do prelado diocesano, o qual disse ao famulo do famulo do seu secretario, um dia em que se levantou de dormir a sêsta com vontade de galhofar, que na primeira visita que fizesse á diocese havia d'elogiar publicamente aquelle digno pastor. Nunca, porem, houve occasião para a primeira visita, porque esta costumeira velha tinha passado já de moda. Eram pieguices só boas para os Bartholomeus dos Martyres e para os Caetanos Brandões; pobres homens, a quem Deus falle na alma, se é que valiam a pena disso.

Acabou-se de escrever esta mui excellente historia do padre prior a um sabbado á noite, antes de cantar o gallo, XVIII das kalendas de dezembro da era 1882 anno de Christo de 1844.

QUI SCRIPSIT SCRIBAT; SEMPER CUM DOMINO VIVAT.

A. Herculano.



TRIUMPHO DE SESOSTRIS.

Em todas as nações guerreiras se usaram antigamente os *triumphos*, que eram uma especie de procissão solemne para celebrar uma victoria, e em que era levado pomposamente o vencedor: porem em nenhum povo era mais estrondosa e caracteristica esta funcção como entre os romanos, cujos historiadores se não descuidaram de apontar quantas vezes *triumpharam* os seus generaes, ou consules, ou imperadores. No triumpho romano o general ganhando batalha de tamanha importancia que lhe dava jus áquella honra, entrava em Roma n'um carro soberbo, puxado a quatro cavallos, precediam-no os captivos e os espolios, e seguia-o o exercito. Todo o sequito passava pela Via Sacra encaminhando-se ao Capitolio, onde o triumphante sacrificava um touro em louvor de Jupiter. O triumpho era a maior gloria que podia alcançar-se no mando militar: era decretado pelo senado, quando os meritos qualificados pela victoria e as vantagens desta reclamavam da gratidão romana tão alto testemunho de estima.— As principaes condições requeridas para se facultar esta honra, em parte estabelecidas por lei, e em parte pelo uso, eram:— 1.º que o general occupasse um dos grandes cargos da republica, na occasião de merecer o triumpho: 2.º que sob seus auspicios e ordens e com suas tropas se tivesse de-

cidido a peleja: 3.º que o numero dos inimigos mortos excedesse o que a lei marcava a este respeito, e que na mesma conformidade se regulassem todas as vantagens resultantes da victoria: 4.º que esta fosse ganha contra inimigo estranho, e não em guerra civil: 5.º que por ella se alargassem os dominios do povo romano, e não fosse mera reparação de perdas, que a republica houvesse experimentado: 6.º que a guerra se concluísse definitivamente. Porem estas regras nem sempre foram estritamente observadas; e depois de Augusto, sendo o *imperador* o general de todas as tropas [porquanto aquelle titulo de tal cargo proveio] só lhe competia o triumpho, que raro foi a outrem concedido, excepto a alguns membros da familia imperial: vimos contudo, entre outros exemplos, Belisario condecorado em acto tão pomposo. Até o triumpho deste obtido na campanha contra os vandalos, a contarmos desde os primeiros consignados nos *fasti triumphales*, contavam-se 350 solemnidades similhantes.

A estampa representa Sesostris ou Ramesses, trazendo apoz si os reis captivos: foi o primeiro conquistador de que fallam as historias profanas, a quem se attribuem algumas das espantosas obras da civilização egypcia, e que por feitos d'armas gloriosos, por leis sabias, e outros actos de boa administração criou nome na posteridade: todavia na obscuridade das tradições primitivas e em as narrações dos que as recolheram, muito ha que duvidar, sem que possa negar-se, apesar dessa incerteza, que existiu aquelle principe, de quem até nos livros sagrados achamos memoria.

DA RARIDADE PROGRESSIVA DAS BALEAS QUANTO A PORTUGAL.

ANIMAES houve algum dia que desapareceram absolutamente da face do globo, o mastodonte, e outros enormes quadrupedes que n'uma epocha remotissima nasceram, cresceram, e viveram na terra, acabaram; e apenas deixaram suas gigantescas ossadas, legadas aos Cuviers e sabios naturalistas de nossos tempos que se tem occupado de recolher e analysar estas e outras riquezas fosseis. Este desaparecimento foi causado pelas revoluções do globo, pelos cataclismos da natura. Mas o homem tambem ás vezes tem conseguido as honras d'exterminador: os inglezes extinguiram os lobos encravados dentro do circulo oceanico de suas ilhas Britannicas; em Portugal acabaram os ursos de que apparecem noticias indubitaveis nos foraes dos primeiros tempos da monarchia, n'alguns dos quaes se impoz aos povos a obrigação de pagar todos os annos certo numero de pés daquelles animaes.

Parecia que os peixes escapariam melhor á incançavel diligencia e cubiça do homem: possuidores quasi exclusivos do vastissimo elemento das aguas elles estão com effeito menos do que os outros animaes sujeitos á voracidade humana; porem a provida natureza lhes imprimiu propensões e necessidades que os trazem como forçados ás enseadas e rios, onde caem de mil maneiras debaixo do dominio dos homens. Um tempo houve em que as instituições civis vieram em auxilio destes innocentes viajantes, supondo-se que o mar podia ser considerado como um viveiro, onde a prudencia e economia deviam regular o consumo. Em Lisboa e no Algarve houve regulamentos para taxar a medida das malhas nas redes a fim de não apanhar o peixe

na criação. Ainda a cada passo se encontram pessoas simples e bondosas que lamentam a pesca do Tejo porque surprehende as pequenas peixotas [pescadinhas vulgarmente] sem esperar pelo seu completo desenvolvimento. Foi para esta especie d'economistas que Lafontaine compoz a linda fabula do *peixinho* e do *pescador*. Louvemos antes a bisarria do Creador que deu ao maior numero das especies de peixes a faculdade de reproduzir-se a milhares, a milhões!..

Mas esta prodigiosa e inextinguivel procreação tem suas excepções. Na sabia, admiravel economia da Providencia tudo foi calculado para beneficio do homem. Os cetaceos, estes gigantes na ordem dos peixes, reproduzem-se um a um; que despovoado seria o mar se assim não fóra! Outras especies vorazes propagam, senão do mesmo modo, com grande parcimonia; e alem desta propriedade indispensavel para a conservação das outras especies, deu-lhe a natureza como para refugio as plagas glaciaes e remotas, onde o rei dos animaes, o homem, não pôde chegar tão facilmente.

Inutil porem seria sua especie, se confinada nas suas invias paragens, se não prestasse aos usos humanos. Então impoz-lhes o Creador outras necessidades, a da *desovação*, e a da *subsistencia*, ou nutrição. Na estação aprazada ahi vem de suas guaridas nas visinhanças dos pólos esses cardumes innumeraveis entulhar as enseadas, embocar as fozes dos rios, pairar nas costas, facilitando aos homens preza certa e abundante. Tomai porem cautella, discriminai os peixes que vem a vossos portos por amor da prole, daquelles que apenas pastam ou se alvergam de passagem. Persegui, tecei embora toda a sorte de dólos aos saveis, ás lampreas, e outros que vem depor a milha nas agnas doces; a estes sim, que o amor de mãe os céga; precisados a dar á prole um berço brando e placido não tem tino para descortinar as armadilhas. Mas tomai cautella, sede moderados e parcimoniosos com os hospedes que passam, que apenas tomada sua refeição de caminho nas vossas costas e bahias, marcham avante, direitos ao seu fito. Se os perseguis sem tino e sem prudencia, lá farão seu conselho no fundo das aguas, e escarmentados da repetida e dura experiencia, tomarão outra estrada, e vos deixarão baldos.

Duvidais? Quereis desenganar-vos? Perguntai aos algarvios; inquiri dessas famosas e opulentas associações e companhias das pescarias do Algarve: que é feito de sua antiga abundancia! Em logar desses milhares, e milhares d'atuns que noutro tempo entulhavam os armazens de suas villas e portos, que abasteciam a capital e as provincias, e que chegavam até ao Brazil embarricados, só raros se avistam naquella costa fertilissima n'outro tempo, e mais raros ainda se apanham, e com dobrada difficuldade. Sim, os atuns em cardume desappareceram da bahia de Lagos, e das outras do Algarve, e tiveram razão. Como nem pescadores, nem armadores eram tão forte em historia natural, como em amor do lucro, trataram aquelles hospedes com grosseria, com bruta barbaridade; apenas avistado o lédo e placido cardume, que achava naquellas bahias e enseadas d'agua morta pasto, e repouso ásado a suas precisões, lá sahia uma armada hostile de barcas e harpeus com grita e furor selvagem, vogando rija sobre aquella quasi superficie solida do peixe encardumado; e então verieis o conflicto horrendo d'uma batalha naval, em que os unicos fortes trucidavam sem mesura nem silencio aos mesquinhos,

aos iermes e pesados nadadores. Era uma carniceira horrenda; o mar ficava coalhado d'uma espessa codea de sangue; e a gritaria feroz aturdia os ares. Esta scena reproduzida, e aperfeçoada n'uma progressão ascendente, escandalizou a pescaria; os atuns escapados da matança espalharam a noticia, e as paragens do Algarve infamadas não receberam mais senão raros e inexpertos viajantes. Elles lá vão todos os annos, indefectiveis fazer sua romaria ao mediterraneo; forçosamente hão-de passar durante a viagem desde a Groelandia, mas em vez d'aproximar-se da costa, tomaram vereda mais ao largo, e a cubiça foi lograda. O facto é certo; a explicação se o não é tanto, pareceu-nos conforme á logica da sciencia, e temos por nós a opinião d'um dos maiores naturalistas portuguezes.

As baléas tambem desertaram de nossas praias. De quando em quando se avista ao largo sobre a tona d'agua o negrume d'uma cabeça enorme, e sahindo de seu tontico um repucho cristallino. É alguma baléa desgarrada, solivaga, que vem causar curiosa surpresa aos espectadores da costa, e mais nada. Esta apparição momentanea não infunde cubiça, não tenta a coragem aventureira de nossos pescadores, porque o tenta-lo seria inutil. E portanto havemos em nossos archivos e na tradição noticias de serem as baléas costeiras um objecto d'especulação e de contrato lucroso para nossos emprezarios. Ahi está a Atouguia da Baléa, que dizem tomára o nome d'uma que ahi perto dera á costa; e nós não acreditamos nesta origem, porque a um pequeno quarto de legua de Peniche, e meia legua daquella povoação existe na costa o sitio chamado *o Baleal*, que indica ou armação, ou vigia, ou deposito de baléas. O que porem tira toda a duvida é o documento produzido por João Pedro Ribeiro no 5.º Tom. de suas Dissertações a pag. 395, que diz assim: = *Affonso Domingues rendou totalas minhas baleações de meus Reinos de la foz do minho ata á ffox d'odiana, asi portos feitos, como por fazer . . . e o dito rendeiro deve d'aver totalas baleas, cocas, busaranhas, roazes, sereas, e todolos outros peixes semelhaveis a estes que os baleeiros matarem . . . e nam devem dar dizima às Igrejas nem portagem, nem dizima desses peixes, nem do Sayn, (*) nem devem dar dizima das cousas que comprarem para fornecimento dessas baleações, nem da bordalha, nem d'outras cousas que aduzerem para fornecimento dos ditos portos e das baleações . . . e eu devo dar sal em Santa Maria de Faaro quanto avundar para as baleações do Algarve, convem a saber, 64 alqueires por 30 soldos, e eu devo fazer as Salarias onde as non houver, e adubar as outras salarias cada que for mister.* = É do anno de 1340, reinando D. Affonso o 4.º

Outros contrastes se seguiriam a este, até que se estabeleceu em tempos mais proximos de nós a chamada companhia das *Baléas*. Isto porem não era já mais do que conservar a denominação classica antiga sem significado real, ao menos nas nossas costas: a companhia tinha no seu contrato a pesca do atum e de outras especies de peixe no Algarve; de baléas nada, ou quasi nada, a menos que as não mandassem procurar nas costas do Brasil, nas de Moçambique, ou no mar Pacifico. Qual fosse a causa desta deserção não é facil d'averiguar:

(*) Estes peixes se diziam do rei, pertenciam exclusivamente á corôa, e portanto não pagavam dizima, que era direito real; sendo a regra que = o rei não paga a si mesmo. = E não só do peixe, mas nem do azeite, o *sayn* ou *sayl*.

seria a mesma que faz affastar o atum? Seria que o atêrro progressivo da costa, tornando as aguasahi mais baixas, lhes tirasse folgança! Haveria na temperatura das aguas alguma modificação que lhes tornasse menos agradável a visita de nossas costas? Seria o buliço e frequente apparição de navios, o estrondo das batalhas, dadas em nossas paragens europeas desde Philippe 2.^o de Castella até Luiz 14.^o de França, e depois as da independencia do reino até ás da revolução franceza?

O que é certo é que as mesmas costas do Brazil, outrora tão fecundas, se acham tambem já quasi desamparadas da baleagem. Muitos centenaes de navios francezes, inglezes, e dinamarquezes vão ainda todos os annos á pesca da balea; mas onde vão elles? A mais pequena porção dobra o cabo de Boa-Esperança, e vai pescar nos mares entre Madagascar e Moçambique; os demais lá vão aos archipelagos da Oceania, percorrem com grandes riscos aquelles mares insidiosos, juncados de coral, e entrecortados d'ilhas e restingas, e se demoram d'um anno a outro com improbo trabalho, estando ás vezes seis mezes sem tocar em porto! O escorbuto produzido pela temperatura quente e humida, aguçado por alimento salgado e rançoso, dizima uma parte da tripulação; e muitas vezes acontece perder-se tudo n'um naufragio: o *nihil intentatum* do sentencioso Horacio verifica-se á risca nesta industria arriscadissima. Enunca faltam moços aventureiros para ella! Parece que a mocidade se compraz e estimula com as difficuldades! Mas o objecto da pesca acabará.

J. da C. N. C.

JUSSUF OU O RENEGADO.

(Concluido de pag. 382.)

JUSSUF offereceu-se para desalojar os turcos de Bona, e o duque acceitou a sua offerta. Elle e mais o capitão Armandy embarcam-se para Bona com uns trinta marinheiros, pedem uma conferencia com Ibrahim, na qualidade de parlamentarios, e declaram-lhe sem mais cerimonia que é preciso evacuar a cidadella, permittindo-se-lhe retirar-se com as suas tropas, armamento e bagagens, e com as honras militares — se elle obedecesse logo.

Ibrahim, que ao mesmo tempo se via ameaçado pelas tropas do bei de Constantina, não ousou responder negativamente, e pediu alguns dias para pensar sobre o caso. Jussuf, que fica na cidadella, aproveita a demora, e começa a aliciar os turcos; e com effeito a melhor parte da guarnição toma o seu partido. No emtanto approximava-se o termo do praso concedido. Ibrahim reúne a sua gente na praça d'armas, e pergunta-lhes o que se devia fazer aos dois atrevidos que se introduziram na fortaleza na qualidade de parlamentarios para seduzir as suas tropas? « Matai-os, » ouve-se de varias bandas. « Pois vingai-me! » exclamou Ibrahim, puxando da espada para o ataque.

Longe de desanimar, Jussuf tambem desembainha a sua espada, assim como o capitão Armandy, e defende-se contra os soldados do bei, que o accommettem, até que os aliciados se declaram abertamente em seu favor. Os arabes ficam fieis ao bei, e eis que se trava dentro da cidadella uma peleja, que continuou por muitos dias em combates parciaes.

Ibrahim, atacado ao mesmo tempo pelos de Constantina, resolveu-se a capitular, reservando a livre sahida para si e os seus, e deixando a Jussuf e o capitão Armandy de posse da fortaleza. Logo em seguida entraram na cidadella os trinta marinheiros que o haviam acompanhado, e Jussuf mandou arvorar a bandeira tricolor, que foi sufficiente para decidir as tropas de Constantina, que se achavam ás portas da cidade, a retirarem-se.

Dest'arte Jussuf tambem ficou senhor da cidade, que mandou logo occupar pelos turcos. Aqui se conservou elle até ao mez de maio. D'Argu lhe mandaram reforços, e o general Uzer tomou o commando da cidade e districto de Bona. Jussuf ficou sendo commandante dos turcos que alliciára, foi nomeado chefe d'esquadrão, e condecorado com o habito da Legião d'Honra. Tambem lhe foi confiado o governo da cidade até o fim de 1835, anno em que foi chamado ao quartel general do duque de Orleans, que queria que elle o acompanhasse na expedição contra Mascara, desejando aquelle principe tê-lo ao seu lado. Este honroso convite veio tarde, e postoque Jussuf se apressasse em corresponder ao obsequio que lhe era feito, quando chegou a Oran já o exercito tinha uns poucos de dias de marcha: só, e com grande perigo de vida, procurou reunir-se-lhe, — escapou milagrosamente — porem já encontrou o exercito em retirada sobre *Mostaganem*.

Mais feliz foi elle na expedição emprehendida em 1836 contra *Tlemeza*, na qual teve um quinhão muito consideravel. Com a sua infantaria ainda meia organizada, pôz elle em fuga a *Abd-el-Kader*, que deveu a sua salvação individual á escabrosidade do terreno.

Nesta occasião desenvolveu Jussuf toda a sua influencia sobre as tribus dos *Druares* e dos *Esmelás*, que tomaram parte na campanha, mas que ainda não eram tidos por fieis alliados. De boa vontade seguiram elles o nosso heroe, e fizeram relevantes serviços, sobretudo na perseguição de *Abd-el-Kader*. Por outro lado accusavam-o de grandes arbitriedades e extorsões feitas aos tlemezes quando estes tiveram de pagar uma contribuição de 150:000 francos que lhes impoz o marechal *Claudel*. Desde então tornaram-se frequentes as queixas contra o seu cruel e desordenado procedimento, que foram aproveitadas pelos seus inimigos para o tornarem suspeito na consideração do governo. — Os francezes continuaram todavia a emprega-lo para levarem a effeito os seus planos, e nomearam-o pouco depois [em abril de 1836] bei de Constantina. A unica possessão que os francezes tinham então naquelle estado era Bona e seus contornos.

Jussuf entrou nesta cidade com grande pompa; a sua chegada produziu uma disposição mui favoravel entre os naturaes. Varias tribus, aliás consideraveis, naquellas visinhanças se declaram a favor delle, offereceram-se a pagar-lhe tributo e a segui-lo nas suas guerras. Algumas demonstrações hostis obrigaram outras um tanto refractarias a submeterem-se. Tambem soube conter a *Achmet Bey*, que continuamente procurava revoltar as tribus que lhe haviam sido falsas; até que o governo resolveu tomar medidas energicas contra elle.

Ao principio achava-se Jussuf em uma posição bastante critica, e sem os meios necessarios para dar algum passo decisivo. Comtudo o ataque mais penoso que soffreu foi feito na camara dos deputados em 10 de junho de 1836 por *Desjobert*, que

lhe era avesso, e sobretudo muito opposto ao dominio francez na Africa. Não só o accusou de total ignorancia em materias de administração publica, mas declarou francamente que não nascera para o cargo que occupava, e até atacou a sua vida privada e seu caracter da maneira mais offensiva para Jussuf.

A resposta deste appareceu no *Moniteur* de 20 de agosto; todavia não pôde lavar-se da accusação de inclinação para o despotismo, e por isso foi depois conservado n'um cargo mais inferior.

A primeira expedição contra Constantina, em novembro de 1836, na qual não se distinguuiu, pôz fim á sua auctoridade como bei daquella provincia. — Na primavera de 1837 obteve licença para visitar a França. Chegou a Toulon a 16 de maio do mesmo anno, e a Paris justamente quando se celebrava o casamento do duque d'Orleans.

Appresentado ao rei Luiz Filippe e á rainha, foi convidado para as festas de Fontainebleau e de Versailles, onde causou grande admiração. O rei fez-lhe varios obsequios, e parecia agradar-lhe a sua conversa. Então, Jussuf, como achais Fontainebleau? Perguntou-lhe Luiz Filippe, quando manifestamente lhe divisava no semblante o espanto que lhe causava a magnificencia da funcção e dos salões. — «Admiravelmente,» — foi a resposta. «Só sinto ter vindo só. Quando voltar, e tentar descrever quanto vi, ninguem me acreditará. A pouca idade que tenho tornar-me-hia suspeito. Façam com que venham anciãos para a França, para que elles possam ver e julgar per si, e depois que vão para suas casas. Elles levarão para Argel tal consideração do vosso poder — da vossa grandeza — dos milagres da vossa civilisação — que contribuirá mais para o restabelecimento da paz, do que as vossas mortíferas guerras.»

Jussuf era demasiado astuto para deixar de conhecer a disposição que prevalecia em Paris, ácerca d'Argel, depois da primeira expedição a Constantina. Todos desejavam a paz, e elle foi um dos mais zelosos defensores deste systema, que obteve a sancção official para a convenção de Tafna, e a substituição do marechal Clausel pelo general Darnirémont. Acredita-se todavia que Jussuf foi de proposito retido em Paris durante o inverno de 1837.

Continuava a ser uma das curiosas personagens nas altas companhias de Paris. Era sempre convidado, e sobretudo bemquisto das senhoras. Não é de estranhar que esta perigosa disposição fosse a causa d'innúmeras intrigas e calumnias contra elle, mas estas accusações quasi que se desvaneciam com a sua apparição pessoal, porque aonde quer que se appresentasse fazia favoravel impressão, e era estimado.

Sua estatura é menos que mediana, porem no corpo é muito airoso. Suas feições são modelo de belleza masculina, cheias de energia, e um tanto nobres: nellas se encontra uma mistura d'expressão africana e europea que lhes dá particular realce. No traje [o uniforme de um Saphis regular] é elegante mas modesto. É excellente cavalleiro, e a força muscular, de que é dotado diz-se ser espantosa. Seu animo pessoal nunca conheceu limites, apesar dos lances perigosos em que se tem achado: no seu todo é amavel, e parece ser homem de sentimentos. As accusações que se lhe tem feito a respeito de crueldade são exaggeradas. Falla com facilidade, e sempre com fogo, que fulgura em seus olhos. Na pintura de *Horacio Vernet*, hoje generalisada pelo

buril, representando uma caçada de leões, encontra-se um retrato muito proprio deste valente joven.

Não entrou na segunda expedição contra Constantina. O chamado systema arabe já estava desacreditado nesta occasião, e por isso nem sequer se fallou em fazer-lhe tomar posse formal do governo de Constantina. Pelo contrario procuraram quanto era possivel desviá-lo dalli, e mandaram-no para Oran em dezembro de 1837; aonde ainda ha pouco se conservava no commando de uma divisão de saphis regulares.

MOSTEIRO DE POMBEIRO. (*)

A ESTA tão celebrada fabrica, de que se sabe tão pouco, accrescentaremos agora o que refere o grande investigador das mais reconditas antiguidades, Gaspar Alvares de Lousada Machado, na *Illustração da Casa de Sosas*, tratando de D. Gomes Echigues, aonde no § 13 diz, que conforme as escripturas antigas o mosteiro de Pombeiro foi fundado pelos senhores da casa de Sousa [o que nos parece não ter duvida], e que no arco da galilé sobre a porta principal, que em seu tempo [pelos annos de 1631] se desfizera, reduzindo-se ao moderno, víra elle as armas dos Sosas no alto do arco com as quinellas e luas, e descendo por um e outro lado se viam varios braços e armas em escudetes, as dos Albuquerque, flôres de liz, bastões, barras de Aragão, arruellas, esquaques, caldeiras, aguias, leões e estrellas, com outras conhecidas na armaria deste reino, e suppõe serem de fidalgos que se alliamam com os Sosas por casamentos, e de bemfeitores do mosteiro. No mesmo livro no § 8, quando trata de Mem Viegas, senhor desta casa, refere que víra no edificio da galilé algumas sepulturas encostadas ás paredes, sem letreiros, com espadas largas esculpidas nellas, que mostravam ser de cavalleiros armados na guerra, por ser tão estimada naquelle tempo a cavallaria, querendo ficarem as insignias em memoria, sem nenhuns epitaphios, nem elogios aos vindouros. Diz tambem Lousada que esta obra da galilé era de tão estranha figura que a curiosidade o fizera deter ás vezes, e que naquella casa estivera e notára este letreiro: *Era millesima trecentesima nona facta fuit Galile, mandante Domno Roderico Abbate, isto é, anno de Christo 1271.* As pedras desta tão estimavel obra se empregaram na fabrica das torres dos sinos, que de novo se levantaram, que supposto aformoseam toda a outra machina antiga do mosteiro, não pôde deixar de causar sentimento o ver que se perdessem uns tão excellentes monumentos da antiguidade, que ainda despedaçados eram estimaveis.

Não só em Pombeiro houve similhante fabrica de galilé, mas em outras partes do nosso-reino, e de todo se extinguiram [por incuria]. Os vestigios se achavam em alguns mosteiros antigos da provincia de Entre Douro e Minho.

*Os tempos, que as destruíram,
Nem a forma lhe deixaram.*

AQUELLE a quem se dá escreve o agradecimento sobre a arêa, aquelle a quem se tira escreve o resentimento sobre o aço.

(*) Addicione-se esta noticia á que fica estampada sobre a mesma obra a pag. 111 do 1.º vol. da presente Serie.